

**PEDAGOGIA SOCIAL DA SAÚDE E DOS DIREITOS JUNTO AOS
TRABALHADORES MASCULINOS DO SEXO: RESGATE SÓCIO-
HISTÓRICO (E DA PRÁTICA PEDAGÓGICA SOCIAL) DO “PROGRAMA
PEGAÇÃO”**

Hiran Pinel – autor

UFES/CE/PPGE

hiranpinel@ig.com.br¹

Jaqueline Bragio – coautora

UFES/CE/PPGE

jaquelinebragio@hotmail.com²

Marcio Colodete Sobroza – coautor

UFES/CE/PPGE

marciocolo@hotmail.com²

INTRODUÇÃO

Antes de narrar, tão precisamente quanto possa, (...), creio ser preciso fornecer certas informações a meu próprio respeito e sobre as circunstâncias a que a Providência houve por bem reduzir-me (VIDAL, 1986; p. 77).

Trata-se de resgatar, numa dimensão sócio-histórica as práticas pedagógico-sociais planejadas, executadas e avaliadas pelo “Programa Pegação” e o próprio Programa, e para isso recorreremos a documentos especialmente Pinel (2000; 2004; 2011) - dentre outros.

¹ Professor doutor; professor associado III; Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação – UFES/CE/PPGE. Líder da Linha de Pesquisa denominada “Diversidade e Práticas Educacionais Inclusivas”.

² Os outros dois coautores são orientandos do professor doutor Hiran Pinel, sendo que Jaqueline faz o curso de mestrado, e Marcio doutorado – ambos na UFES/CE/PPGE.

Esse programa foi criado e produzido em 1987/1990 – de modo oficial entre os governos de José Sarney (15/03/1985 à 15/03/1990) e de Fernando Collor de Melo (15/03/1990 à 29/12/1992). Mas há dúvidas quanto a esse período final, podendo ter terminando entre 1996/1998 – abrangendo assim também os governos de Itamar Franco (29/12/1992 à 01/01/1995) e o de Fernando Henrique Cardoso (01/01/1995 à 01/01/2003). Interessante esses dados, pois durante todo o tempo Longo realizou projetos sugeridos pelos Governos Federais objetivando financiamentos. Tratou-se de um período donde o Estado programou e recomendou (assim como valorizou) mais e mais os serviços produzidos pela força civil nas questões de saúde. Críticas a essa postura, bem como outras mais, podem ser encontradas em Pinel (2000; 2004).

Tal programa era coordenado por Paulo Longo (1964-2004), que foi psicólogo, ex-prostituto, ativista dos direitos dos homossexuais e profissionais do sexo.



Fotografia de Paulo Longo (1964-2004); Fonte:
<http://www.plri.org/about/paulo-longo/paulo-henrique-longo-1964-2004>

Tratou-se do primeiro programa específico criado na época no Rio de Janeiro. Foi o mais socializado, devido aos sucessos obtidos, tendo sido recomendado como referência pela Organização Mundial de Saúde (OMS) órgão do qual o produtor foi posteriormente, devido ao “Pegação”, consultor.

Objetivava tal programa (na época falava-se projeto) formar e supervisionar educadores sociais (de rua) para atuarem em trabalhos de preservação da saúde desses rapazes (especialmente prevenção contra as DST/HIV-Aids) que se profissionalmente se prostituíam, bem como o de cuidar da efetivação dos seus direitos, ensinando-os autonomia (diante do outro) nas denúncias, buscas de ajuda, envolvimento político –

dentre outros. Os educadores eram gays, bem como alguns ex-prostitutos e prostitutos em ação.

Outra característica era o espírito científico predominante em Longo e nos educadores sociais, produzindo efetivamente estudos, apresentações em congressos no Brasil e no exterior, publicações etc. Foi um dos projetos mais efetivos em todo o mundo, segundo a OMS.

Os resultados obtidos pelo Programa foram efetivos e muito comentados na época, elogiado inclusive pela Organização Mundial de Saúde (OMS) considerando tal evento pedagógico social como uma referência mundial. Justo aí está a relevância desse estudo, nas possibilidades de sua replicação ampliada de novos conceitos, desconstrução de outros.

OBJETIVO

Eu gostava demais da objetividade, do naturalismo do estilo
(VIDAL, 1986; p. 35).

Trata-se de resgatar, numa dimensão social-histórica, algumas das práticas pedagógicas sociais planejadas, executadas e avaliadas pelo “Programa Pegação” criado pelo psicólogo Paulo Henrique Longo (1964-2004), segundo documentos da época e memória do autor (Pinel).

METODOLOGIA

Aos nove anos eu era muito mais burro do que sou agora
(VIDAL, 1986; p. 35).

Trata-se de um estudo histórico que recorre aos documentos publicados por Longo, Pinel (2000; 2004; 2011) e outros, como as memórias do autor (Pinel).

A Memória, no sentido primeiro da expressão, é a presença do passado. A memória é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Na perspectiva de Maurice Halbwachs (1877-1945), toda memória é “coletiva” (MOREIRA, 2012; p. 1).

A memória é aquilo que se lembra, e aquilo que se lembra, não é necessariamente “a verdade”, mas apenas “uma verdade”, um lado dela em subjetivação (na objetividade); talvez apenas uma lembrança – somente isso: “*Nos dois casos, passam a ver o processo de seleção, interpretação e distorção como condicionado, ou pelo menos influenciado, por grupos sociais. Não é obra de indivíduos isolados*” (BURKE, 2000, p.69-70).

O autor (Pinel), em todo o artigo, fala dessa sua experiência dando sua percepção, falando do seu vivido que não é necessariamente o mesmo para outras pessoas que se propuseram ocupar um lugar-tempo no “Programa...” como visitante e estagiário ou o que isso significa. Esse pode ser considerado como um limite desse estudo.

Procuramos destacar a criação, na época, de uma proposta de Pedagogia Social da Saúde, denominado “Programa Pegação” diante da pressão dos movimentos sociais frente ao Estado inoperante diante do que se enunciava pandemia do vírus HIV/AIDS.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

...o excesso de luz é desastroso (VIDAL, 1986; p. 28).

I

A FILOSOFIA PEDAGÓGICO-SOCIAL

O “Programa...” recebeu de modo informal o autor (PINEL, 2000; 2004; 2011) que o visitou tal empreendimento (evento pedagógico social) e fez um pequeno estágio no referido “Pegação”, além de ter tido algumas conversas formais e informais com o psicólogo e educador Paulo Henrique Longo. A Filosofia Educacional que norteava o Programa passará agora ser descrita a partir dessas visitas e memórias do visitante.

Recorrendo à memória (Pinel) podemos dizer que o principal autor que norteava o “Programa...” era Paulo Freire – um educador e pedagogo marcado pelo marxismo, fenomenologia e existencialismo. Na época chegamos a discutir com Longo o livro “O Senso Crítico e o Método Ver Julgar Agir” (BORAN, 1987) um programa educacional social (relacional) de forte influência marxista com alguns tracejados do existencialismo.

A Filosofia Educacional que norteava o Programa era bastante focada numa perspectiva de homem e mundo indissociados, o homem como capacitado de ver, avaliar e agir sobre os fenômenos percebidos em comum-união (o homem é da relação e isso se destaca no termo “pegação”). Esse mesmo homem encontra nos processos educacionais não-escolares (Pedagogia Social da Saúde e dos Direitos) caminhos e possibilidade de criticar-se e ao mundo, de torna-se consciente do que estava vivendo, jogado no mundo que foi sem sua anuência.

Desse renomado pedagogo o trabalho do Pegação se apoiava em categorias clássicas como conscientização, alienação (marxismo), autonomia, fenomenologia, existencialismo, assistencialismo, bem como categorias pouco desenvolvidas como: alegria, andarilhagem, boniteza, direitos humanos, educação de adultos, escutar, exclusão social, existência, experiência, militância, ser mais, subjetividade/objetividade, tolerância/intolerância, trabalho – dentre outros termos definidos e descritos por Redin e Zitkoski et al. (2008).

Associado a esse pedagogo, detectou-se a presença da Pedagogia Libertária e da Psicologia da Função do Orgasmo e do combate sexual da juventude de W. Reich (1896-1957). Esse freud-marxista fornecia ênfase à importância de desenvolver uma livre expressão dos sentimentos sexuais e emocionais, bem como enfatizava a natureza essencialmente sexual das energias descobrindo que a energia Orgone era bloqueada de forma mais intensa pela/na pélvis.

Ainda leve, mas ainda assim presente, dos pensadores denominados “queers” como Foucault e Britzman (1996) começou a ser lida e estudada. Mas antes se lia Sedgwick (1990) no cultuado “Epistemologia do Armário” (no original inglês; aqui traduzido por nós), por exemplo, donde entendíamos que a autora destacava, dentre outros, que os homossexuais demandavam ser abordados nos seus modos de ser (sendo) junto ao outro no mundo, como uma questão de importância permanente da cultura Ocidental moderna. Assim ser gay determinava a vida das pessoas, a sua existência (no mundo). O todo traz impacto no desenvolvimento e aprendizagem da pessoa.

A teoria queer pode ser entendida como um discurso sobre o gênero em que a orientação sexual e a identidade sexual (ou de gênero) dos indivíduos advêm de um construto social. Sendo um construto social, infere-se então de que não existem papéis

sexuais essencial ou biologicamente inscritos na natureza humana. Ao contrário: o que existe são formas socialmente não-fixas e nem imutáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais.

Diz Seidman (in LOURO, 2001; p. 1) que os/as teóricos/as queer,

...constituem um agrupamento diverso que mostra importantes desacordos e divergências. Não obstante, eles/elas compartilham alguns compromissos amplos em particular, apóiam-se fortemente na teoria pós-estruturalista francesa e na desconstrução como um método de crítica literária e social; põem em ação, de forma decisiva, categorias e perspectivas psicanalíticas; são favoráveis a uma estratégia descentrada ou desconstrutiva que escapa das proposições sociais e políticas programáticas positivas; imaginam o social como um texto a ser interpretado e criticado com o propósito de contestar os conhecimentos e as hierarquias sociais dominantes.

Tudo se movia numa atuação típica advindas das metodologias de ação e participação do tipo etnográfico (PERLONGHER, 1983), associadas com caminhos reinventados pelo grupo como uma aproximação dos educandos como se fosse uma paquera, e depois, o oferecimento do serviço pedagógico social – informações, cuidados, ajudas, encaminhamentos, aconselhamentos (processo recomendada pelo Ministério da Saúde do Brasil; o reconhecimento do sofrimento de ser michê³, como descrito por PERLONGHER, 1987), informações, discussões críticas, minimização dos preconceitos e resistências aos preconceituosos etc. Era assim antes uma Pedagogia Social de Rua donde o educador social tinha como elementos curriculares questões da história singular (na pluralidade) de cada aluno, suas questões de saúde (especialmente os riscos do trabalho em se contaminar pelo vírus HIV-AIDS) e de direitos (como os Direitos Humanos).

Paulo Longo cuidava para que os pensamentos/teorias se compatibilizassem com a prática educacional social planejada, executada e avaliada pelo Programa, para isso ele apresentava três atitudes altamente elogiadas por todos e todas: 1) a exigência de inserir a pesquisa no cotidiano da Pedagogia Social – ele mesmo produzia muito e gostava de participar de seminários, congressos socializando os dados coletados e analisados; 2) a

³ Michê é termo que provavelmente vem de micha, um conjunto de chaves que terá uma para abrir a porta; o michê tem uma série de talentos e um deles abrirá o prazer do outro – por isso um michê costuma ter muitos nomes e suas características para agradar ao cliente. O michê faz pegação, ou seja, sai às ruas e ou recorre a publicidade (em revistas gays, jornais populares, sítios etc.) objetivando pegar um cliente, capturá-lo. Tanto o michê faz pegação quanto o cliente: ambos saem ansiosos com um objetivo de caçar, pegar, capturar... O michê cobra um preço em dinheiro e o cliente paga pelos serviços contratados/prestados; de modo geral um preço é exigido de acordo com os desempenhos – pela via do diálogo informal donde a palavra tem um valor imenso, ou preciso de ter.

vontade de fazer grupos de estudos correlacionando os textos com as práxis; 3) o hábito em seguir as recomendações tradicionais de apresentar uma pesquisa segundo agências (in)ternacionais como a OMS dentre outras, mantendo os dados coletados quase sempre provocadores da ideologia dominante.

II

HISTÓRIA & PRÁTICA PEDAGÓGICO-SOCIAL

O primeiro projeto, popularmente definido e conhecido, brasileiro, de educação de saúde (e dos direitos), dirigido ao michê (ou rapaz que se prostituía) foi desenvolvido a cidade do Rio de Janeiro. Esse projeto objetivava formar e supervisionar educadores de rua para atuarem em trabalhos de preservação da saúde dos michês. Chamava-se projeto “Pegação” (1991; 1992; 1998).

Augras (1985) remete a palavra michê ao argot francês, que até hoje designa o homem que dá dinheiro a mulheres para conquistar-lhes os favores. Essa duplicidade do termo desvelaria “*certa indistinção básica do mecanismo de prostituição, onde ‘quem vende se iguala a quem compra’*” (AUGRAS, 1985, s. p.). No vocabulário jurídico (SILVA, 1999), o prostituto é aquele que se coloca à venda pública, mercadeja seu corpo, não importando quem o compre, mas o preço que se paga. “*É o traficante de seu próprio corpo*” (SILVA, 1999, p. 654).

... o michê é parceiro, em uma relação homossexual, exigindo pagamento. É o mesmo que garoto de programa. No meio gay, há outras denominações para o michê, além de prostituto e garoto de programa: puto, táxi-boy, bofe, “aquele que topa tudo por dinheiro” (parodiando um programa de televisão), massagista, go-go boy, “capetinhas de plantão” (saunas), acompanhante etc. Há diferenças sutis em cada um desses termos, mas há uma tendência em usar qualquer um deles para se dizer ou se (re)ferir ao michê (PINEL, 2001; p. 11).

Perlongher (1987) usa o termo “prostituto viril” pela característica da clientela com a qual trabalhou em sua pesquisa antropológica: são hipermasculinos. Entretanto, esse mesmo autor já detectava pelas vias públicas, outros tipos híbridos de michês, como o “michê-bicha”, que é assumido homossexual efeminado, e o “michê-gay”, que é um tipo humano que transita entre ser viril e ser bicha.

Em 1983 o caso do estilista mineiro Marquito - soropositivo ao HIV/AIDS - chamou atenção pública para a pandemia que se começava. Os Governos da América Latina, frágeis com suas Políticas Públicas de Saúde, começaram a se sentir pressionados pela comunidade para que fosse garantido atendimento à saúde. *“O povo (a massa) ficava dividido entre o ‘Deus e o diabo na terra do sol’ (parafraseando título de filme de Glauber Rocha, de 1964), ou seja: punir o pecador (acreditava-se que era um câncer gay) ou salvar (não era um câncer gay e contaminava também heterossexuais)”* (PINEL, 2011; p. 131).

Da incompetência e desinteresse do Estado, e de início um tratamento caro, o próprio Governo começou a estimular a participação da sociedade civil frente à soropositividade HIV/AIDS, oferecendo financiamento mais fácil, bolsas de incentivo aos estudos, incremento dos tratamentos paliativos e os atendimentos psicológicos, e o favorecimento da vitalidade na prevenção pela Pedagogia e Educação...

O “Programa...” irrompe desse contexto social e histórico, bem brasileiro, latino e até mundial. Congressos são organizados para que se socializem essas experiências. O Pegação ganha notoriedade também nesse bojo.

Para surgir esta proposta pedagógica foi necessária uma pandemia bem como o aumento (prevalência) de jovens masculinos na prostituição. Nasceu daí a necessidade de os gays se unirem na busca de organização, aprimoramento do cuidar de seus modos-de-cuidar e, finalmente, tornar público o que já brilhava. Tornar-se gay, revelar-se... Ganhar visibilidade.

Uma população invisível não troca informações, o que facilita a manutenção de idéias equivocadas. Num grupo organizado de gays ou lésbicas, a livre circulação de informações mais precisas acerca de homossexualidade e da sexualidade em geral, facilita a formação de um discurso favorável e contribui para a promoção da auto-estima (ANDRADE, 1998, p. 13).

Sendo assim ganhar visibilidade homossexual, expressando-a, passou a ser uma das bandeiras de luta dos movimentos gays. Expressar o amor que antes não se ousava dizer o nome.

Foi esse contexto brasileiro e mundial, gay e não-gay, que em 1988/1989, um psicólogo chamado Paulo Henrique Pinheiro Longo [ou simplesmente Paulo Longo] começou a se preocupar com um grupo específico de homossexuais, os michês e seus clientes e em criar o “Programa...” que essencialmente dependia também da produção em Pedagogia Social de Rua na área da saúde e dos direitos (como os Direitos Humanos). Ele era uma personalidade complexa e comumente era classificado de esnobe e que gostava de ser celebridade. Nessa rede complexificada, encontramos que, na 10ª Conferência Mundial sobre AIDS (Yokohama, Japão, 1994), Paulo H. Longo teria feito um depoimento oral (em alto e bom tom) no qual se desvelou ser um “garoto de programa brasileiro” (SILVA & RODRIGUES JÚNIOR, 1995, p.121), produzindo positivamente comentários e discussões acerca da vitalidade de um ex-garoto de programa (rapaz que se prostituiu) “mudar de lado”, passando a ser educador social em saúde e nos direitos.

O quanto sua fala passava ‘valer ouro’, frente aos educandos prostitutas, pois quem discursava como educador social, o fazia do ponto de vista daquele que experienciou, que esteve lá, que sentiu na pele a carne viva de um complexo trabalho e ofício (PINEL, 2000; 2004).

Imaginamos que esse processo em Paulo não era expresso de modo moralista e condenatório, pois afinal quem esteve na prostituição pode reconhecer as ondas do prazer (o vivido encarnado) bem como a exploração e humilhação a preço vil, uma mixaria:

O testemunho de um educador social que vivenciou os eventos que tocam e (co)movem seus alunos/educandos/orientandos pode ser de mais sentido e significado, promovendo aprendizagens significativas numa dimensão afetiva, ética, política indissociada ao cognitivo. Quem me ensina, pode pensar o aluno, passou porque aquele evento que agora eu passo, e por isso quando ele expressa o seu vivido, expressa o meu vivido e então eu escuto (PINEL, 2011).

O “Pegação” foi um projeto inovador entre 1989-1996 – e talvez tenha se estendido no todo ou em partes até 1998. Sua propaganda qualidada não vinha de apenas buscar atingir um público-alvo específico, objeto de curiosidade popular, mas principalmente pela metodologia utilizada na rua.

Os michês era um grupo heterogêneo, e não acostumado a intervenções pedagógicas de rua. Já que a maioria deles era analfabeta, era fácil constatar a pouca motivação pela leitura de materiais informativos. Criou-se, então, uma pedagogia baseada nos contatos corpo a corpo, desenvolvida de modo sistemático, nos espaços abertos da rua.

Diariamente estávamos em locais onde se desenvolvia a atividade de prostituição masculina, abordando os rapazes, conversando sobre os mais diversos assuntos, distribuindo camisinhas, encaminhando aos serviços de saúde, defendendo seus direitos e, fundamentalmente, procurando gerar em cada um o 'desejo de proteger-se' (LONGO, 1998, p. 13).

Longo descreveu o processo de resgatar a auto-estima do michê, que engloba o amor próprio e o amor e respeito ao outro. Isso conduziu a um aspecto de cidadania presente no ato de sentir, pensar e agir a educação de sua consciência de "alteridade". Mesmo o trabalho pedagógico de estimular a expressão em público do amor (privado), o exercício visível da afetividade, deve ser realizado nesse conceito de outro. Gradativamente, os educadores estavam introduzindo novas alternativas de trabalho em que se valorizava uma visão universalizante da sexualidade em geral e da homossexualidade em particular. Somos iguais, mas diferentes!

Os educadores de rua do "Pegação" mantinham contatos com os michês que circulavam à deriva pelos bares da orla Atlântica, Praça Mauá, Central do Brasil e pela Cinelândia. Como vimos, a palavra e gíria gay "pegação" tem esse sentido: pegar e catar pessoas, paquerar, fazer amantes por um dia, conseguir gente objetivando fazer sexo fortuito e sem compromisso afetivo. Satisfazer prazeres da carne. No projeto, os educadores iam fazendo "pegação" dos educandos, desviando-se, entretanto, do contrato sexual, inserindo no seu lugar um contrato pedagógico, fundamentado no compromisso. Gradualmente, esse contrato foi se diferenciando totalmente da "pegação". A palavra "pegação" ganhou esse outro sentido, o de conquistar para um compromisso pedagógico, liberdade para a responsabilidade e consciência. Esse outro lugar é menos instintivo, logo um lugar, que de imediato, não é almejado! Isso exige mais empenho do educa(dor).

Para conquistar os michês, os educadores de rua não se intimidavam em ser confundidos com os clientes. Apesar disso ou por isso, os rapazes eram atraídos para um bate-papo, uma cervejinha... E, na mesa do bar, os educadores introduziam questões, como a prevenção contra as DST/AIDS e HIV/AIDS, bem como noções de higiene, estimulando a prática do sexo seguro.

Costumávamos ter um pequeno orçamento para comprar cervejas ou

sanduíches, visando atrair os ‘michês’. Agora, eles sentam-se conosco ou por outras razões. Não temos nada de material para oferecer-lhes, apenas a consciência de sua auto - estima (LONGO, apud PEDROSO, 1991, p. 5).

O que se esperava aconteceu. As propostas dos educadores tornaram-se tão difundidas entre os “michês”, que o artifício da “pegação” tornou-se dispensável, pois os novos michês que procuravam os educadores geralmente eram indicados por antigos michês. Descobriram que têm amor próprio. Conscientizaram-se de que praticar sexo seguro é um dos modos de se amar e ao outro. A educação de rua ao desvencilhar-se da “pegação”, passa a ocupar seu lugar-próprio, mais difícil de apreensão, pois afastada do prazer instintivo. A educação de rua desvela outro prazer, o prazer da subjetividade, da política e da cultura!

Nessas conversas pedagógicas, os “michês” eram estimulados a assumir mais positivamente suas sexualidades, para que deixassem de negar suas atividades ou preferências sexuais e se predisusessem a protegerem-se e a seus clientes, bem como namoradas, namorados, “casos”, maridos e esposas contra o HIV.

A equipe era composta de quatro educadores de rua, “*a maioria deles homossexuais, e alguns ex-trabalhadores sexuais*” (PEDROSO, 1991, p. 5). Esses educadores chegavam cedo, sentavam-se às mesas dos bares, perto das portas, esperavam pelos rapazes e conversavam. Segundo os educadores, cerca de 400 a 600 jovens, com idade entre catorze a vinte e três anos de idade, participavam do programa educativo motivados pela conversa sobre a vida, sobre a sexualidade, ou em busca de auxílio para contatar um médico ou um psicólogo. Entretanto, como já se disse, a atividade educativa era baseada em discussões, e não em material impresso, principalmente porque muitos “michês” não sabiam ler muito bem e/ou tinham medo de carregar folhetos que podiam provocar a punição policial e a repressão em geral de pessoas e grupos preconceituosos da comunidade.

O “Pegação” desenvolveu um processo educativo baseado na criação de uma maior consciência da saúde, recuperação da auto-estima e incentivo ao pleno exercício da cidadania. Evidenciou-se, pois, que, para o “Pegação”, prevenir contra a AIDS/DST não era somente disseminar um grande número de informações mas, sobretudo, gerar no michê o desejo de autoproteção. E esse desejo era elaborado a partir de uma consciência

que passava pela questão de auto-estima e acabava por promover uma ação que é parte do processo da cidadania.

PÓS-ESCRITO

Assim, nesse tom indefinido, a conversa cessou... (VIDAL, 1986; p. 126).

O projeto “Pegação” obteve muito sucesso e Longo (1993) sugeriu que essa experiência poderia ter sua prática conhecida e socializada, objetivando referenciar formas de intervenção para os trabalhadores masculinos do sexo. Tanto que, avaliando os efeitos do projeto, Longo constatou, por exemplo, que,

a) o número de michês relatando o uso de preservativos aumentou de 15% para 80%;
b) o número de michês relatando NUNCA usar camisinhas baixou de 77% para cerca de 7%;
c) a incidência de michês reportando práticas de sexo seguro aumentou de 9% para 70%;
d) a incidência de DST reduziu-se a menos da metade.

Assim, o “Pegação” ganhou notoriedade internacional e foi reconhecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como um dos projetos mais efetivos em todo o mundo (LONGO, 1998).

Paulo nasceu no Rio de Janeiro: 27/04/1964, faleceu no mesmo Estado: 08/10/2004. Tinha assim apenas 40 anos de idade, de o motivo de sua morte foi um ataque cardíaco em sua casa, e talvez isso adveio de ter diabetes há mais de 20 anos.

Era reconhecido como cuidador dos direitos humanos e saúde dos trabalhadores so sexo.

Ele fundou o Grupo NOSS – Núcleo em Orientação em Saúde Social e foi presidente do NOSS. Foi Consultor da Organização Mundial de Saúde (OMS).

Em 1992 foi co-fundador da Rede Internacional de Projetos de Trabalho de sexo que

mais tarde dirigiu por três anos.

Paulo era apaixonado pela investigação e ele era bem conhecido em fóruns internacionais por suas críticas eloquentes sobre a pesquisa sexual do trabalhadores do sexo e da produção de políticas públicas efetivas. Ele era um editor de Pesquisa para o trabalho sexual e seus horizontes, investigando dentro desse projeto de pesquisa que objetivava o desenvolvimento da comunidade de profissionais (do sexo) no Rio de Janeiro (DITMORE, 2004; p. 1; tradução livre de Pinel).

Em outro obitório sabemos que ele deixou esposa (com a qual produziu materiais didáticos na esfera aqui descrita e artigos científicos) Cheryl Overs (natural de Brighton, Reino Unido; ativista tal qual foi o marido). Longo deixou ainda um irmão, e sua mãe, que residem no Rio de Janeiro. *"Sua coragem e humor foram apreciados por todos que o conheciam, que trabalhou com ele e que foram tocados pela sua vida"* (DITMORE, 2004; p. 1; tradução livre de Pinel).

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Augusto. **Grupo gay**. Rio de Janeiro: Planeta Gay Books, 1998. 28 p.
- AUGRAS, Monique. Poder do desejo ou desejo do poder? **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro: FGV, v. 37, n. 2, p. 106-109, abr./jun. 1985.
- BORAN, Jorge. **O senso crítico e o método ver-julgar-agir para pequenos grupos**. São Paulo: Loyola, 1987.
- BRITZMAN, Deborah P. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual e currículo. **Educação e realidade**, Porto Alegre (RS): UFRGS, v. 21. N. 1. P. 71-96, jan./jun. 1996.
- BURKE, Peter. História como memória social. In: BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000, p. 67-89.
- DITMORE, Melissa. In memoriam: Paulo Longo (1964-2004). Sítio: <http://www.iswface.org/paulolongo.html> [Capturado em 21 de junho de 2012].
- DITMORE, Melissa. Obituário de Paulo Longo. **Rede de Projetos de Trabalho de Sexo**, 2004 Sítio: <http://www.plri.org/about/paulo-longo/paulo-henrique-longo-1964-2004> [Capturado em 21 de julho de 2012]
- LONGO, Paulo Henrique. Sexo e auto-estima. **Ação Anti-Aids**. Nº 15, p. 5.
- LONGO, Paulo Henrique. **Michê**. Rio de Janeiro: Planeta Gay Books, 1998. 28 p.

- LONGO, Paulo Henrique. Programa “Pegação”: prevenção para rapazes que se prostituem no Rio de Janeiro. **AIDS & DST: experiências que funcionam**, Brasília: PNDST, p. 8-9, dez. 1992 a fev. 1993.
- LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Rev. Estud. Fem.** [online]. 2001, vol.9, n.2, pp. 541-553. ISSN 0104-026X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200012>.
- MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. História e memória: algumas observações. Sítio:http://www.fja.edu.br/proj_acad/praxis/praxis_02/documentos/ensaio_2.pdf [capturado em 12 de maio de 2012]
- PEDROSO, José Stalin. Projeto “Pegação”. **Ação Anti-AIDS**. (Encarte ABIA). n. 15, 1991. p. 5.
- PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê**; a prostituição viril. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PERLONGHER, Néstor. Vicissitudes do michê. **Temas IMESC**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 57-71, 1987.
- PINEL, Hiran. **Educadores da noite**. Belo Horizonte: NUEX-PSI, 2004.
- PINEL, Hiran. **Educadores de rua, michês e a prevenção contra às DST/AIDS**; uma compreensão frankliana do ofício no sentido da vida. 02 vol. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2000. Tese doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.
- PINEL, Hiran. **Pedagogia Social**; Subsídios a Partir do “Cinema, Educação & Inclusão”. Livro eletrônico. Vitória: Do autor – Editora, 2011.
- REDIN, Danilo R S; ZITKOSKI, Jaime J. et al. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the Closet**. Centennial Books: 1990.
- SILVA, De Plácido e. **Vocabulário jurídico**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Forense, 1999.
- SILVA, Geraldo Luiz da, RODRIGUES JÚNIOR, Edgard Alves. Grupo VHIVER: desmistificando a questão da AIDS. **Psique**. Belo Horizonte: FAHL, FINP, v. 5, n. 7, p. 108-126, 1995.
- VIDAL, Gore. **Um momento de louros verdes**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.